Os Príncipes Fatal e Fortuné

Jeanne-Marie Leprince de Beaumont

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Conto dos príncipes Fatal e Fortuné

Era uma vez uma rainha que teve dois menininhos perfeitamente belos. Uma fada, grande amiga da rainha, fora convidada para ser madrinha dos príncipes e lhes conceder algum dom.

— Doto o mais velho de toda sorte de desgraças até a idade de vinte e cinco anos — disse ela — e dou-lhe o nome de Fatal.

A essas palavras, a rainha soltou grandes gritos e suplicou à fada que mudasse aquele dom.

— Não sabeis o que estais pedindo — disse-lhe a fada. — Se ele não for infeliz, será mau.

A rainha não ousou dizer nada, mas pediu à fada que a deixasse escolher um dom para seu segundo filho.

— Talvez escolhais tudo às avessas — respondeu a fada. — Mas não importa: concederei de bom grado aquilo que me pedirdes para ele.

— Desejo — disse a rainha — que ele tenha sempre êxito em tudo o que quiser fazer; é o meio de torná-lo perfeito.

— Podeis estar enganada — disse a fada. — Por isso só lhe concedo esse dom até os vinte e cinco anos.

Deram amas de leite aos dois pequenos príncipes, mas, logo no terceiro dia, a ama do príncipe mais velho teve febre. Deram-lhe outra, que quebrou a perna numa queda. Uma terceira perdeu o leite assim que o príncipe Fatal começou a mamar. Espalhou-se o rumor de que o príncipe trazia má sorte às amas, e ninguém mais queria amamentá-lo nem chegar perto dele. O pobre menino, com fome, chorava, mas não despertava a piedade de ninguém. Uma camponesa gorda, que tinha muitos filhos e grande dificuldade para alimentá-los, disse que cuidaria dele se lhe dessem uma grande soma de dinheiro. Como o rei e a rainha não amavam o príncipe Fatal, deram à ama o que ela pedia e mandaram que o levasse à sua aldeia. O segundo príncipe, que recebera o nome de Fortuné, crescia, pelo contrário, às mil maravilhas. Seu papai e sua mamãe o amavam loucamente e nem sequer pensavam no mais velho. Mal chegou à sua casa, a mulher malvada a quem o haviam entregado tirou-lhe os belos panos em que estava envolto para dá-los a um de seus filhos, que era da idade de Fatal. Depois de envolver o pobre príncipe numa saia ruim, levou-o a um bosque onde havia muitos animais selvagens e o pôs num buraco com três leõezinhos, para que fosse comido. Mas a mãe dos leões não lhe fez mal algum; ao contrário, deu-lhe de mamar. Isso o tornou tão forte que, ao fim de seis meses, corria sozinho. Enquanto isso, morreu o filho da ama que ela fazia passar pelo príncipe, e o rei e a rainha ficaram encantados por se verem livres dele. Fatal permaneceu no bosque até os dois anos. Um senhor da corte, que ia caçar, ficou muito espantado ao encontrá-lo entre os animais. Teve pena dele e levou-o para sua casa. Sabendo que procuravam uma criança para fazer companhia a Fortuné, apresentou Fatal à rainha. Deram um mestre a Fortuné para lhe ensinar a ler, mas recomendaram ao mestre que não o fizesse chorar. O jovem príncipe ouvira aquilo e chorava toda vez que pegava o livro. Assim, aos cinco anos, não conhecia as letras, enquanto Fatal lia perfeitamente e já sabia escrever. Para amedrontar o príncipe, mandaram o mestre açoitar Fatal toda vez que Fortuné faltasse ao

dever. Por mais que Fatal se empenhasse em se comportar bem, isso não o impedia de apanhar. Além disso, Fortuné era tão voluntarioso e tão mau que maltratava sempre o irmão, sem saber que era seu irmão. Se davam a Fatal uma maçã ou um brinquedo, Fortuné o arrancava de suas mãos. Fazia-o calar quando queria falar e obrigava-o a falar quando queria ficar calado. Numa palavra, era um pequeno mártir de quem ninguém tinha pena. Viveram assim até os dez anos, e a rainha estava muito espantada com a ignorância do filho.

— A fada me enganou — dizia. — Eu pensava que meu filho seria o mais instruído de todos os príncipes, pois desejei que tivesse êxito em tudo o que quisesse empreender.

Foi consultar a fada a esse respeito, e esta lhe disse:

— Senhora, devíeis ter desejado boa vontade para vosso filho, em vez de talentos. Ele só quer ser muito mau e nisso tem êxito, como vedes.

Depois de dizer essas palavras à rainha, virou-lhe as costas. A pobre princesa, muito aflita, voltou ao palácio. Quis repreender Fortuné para obrigá-lo a agir melhor, mas ele, em vez de prometer que se corrigiria, disse que, se o contrariassem, se deixaria morrer de fome. Então a rainha, toda assustada, tomou-o no colo, beijou-o, deu-lhe doces e lhe disse que não estudaria por oito dias, se consentisse em comer como de costume. Enquanto isso, o príncipe Fatal era um prodígio de saber e de doçura. Acostumara-se tanto a ser contrariado que não tinha vontade própria e só se empenhava em antecipar os caprichos de Fortuné. Mas aquele menino mau, furioso por vê-lo mais capaz que ele, não o suportava. Os preceptores, para agradar ao jovem senhor, batiam em Fatal a todo momento. Por fim, o menino mau disse à rainha que não queria mais ver Fatal e que não comeria enquanto não o expulsassem do palácio.

Eis, pois, Fatal na rua. Como todos tinham medo de desagradar ao príncipe, ninguém quis acolhê-lo. Passou a noite debaixo de uma árvore, morrendo de frio, pois era inverno, e tendo para a ceia apenas um pedaço de pão que lhe haviam dado por caridade. Na manhã seguinte, disse consigo:

— Não quero ficar aqui sem fazer nada. Trabalharei para ganhar a vida até ser bastante grande para ir à guerra. Lembro-me de ter lido nas histórias que simples soldados se tornaram grandes capitães. Talvez eu tenha a mesma felicidade, se for um homem honrado. Não tenho pai nem mãe, mas Deus é o pai dos órfãos. Deu-me uma leoa como ama de leite; não me abandonará.

Depois de dizer isso, Fatal levantou-se e fez sua oração, pois nunca deixava de rezar a Deus à noite e de manhã. Quando rezava, mantinha os olhos baixos, as mãos unidas e não virava a cabeça de um lado para outro. Um camponês que passava, vendo Fatal rezar a Deus de todo o coração, disse consigo:

— Tenho certeza de que este menino será um rapaz honrado. Tenho vontade de levá-lo para guardar minhas ovelhas. Deus me abençoará por causa dele.

O camponês esperou que Fatal terminasse a oração e lhe disse:

— Meu amiguinho, quereis vir guardar minhas ovelhas? Eu vos alimentarei e cuidarei de vós.

— Quero, sim — respondeu Fatal — e farei todo o possível para vos servir bem.

Esse camponês era um grande fazendeiro, que tinha muitos criados, os quais o roubavam com muita frequência. A mulher e os filhos também o roubavam. Quando viram Fatal, ficaram muito contentes.

— É uma criança — diziam —, fará tudo o que quisermos.

Um dia, a mulher lhe disse:

— Meu amigo, meu marido é um avarento que nunca me dá dinheiro. Deixa-me pegar uma ovelha e dirás que o lobo a levou.

— Senhora — respondeu Fatal —, gostaria de todo o coração de vos prestar esse serviço, mas preferiria morrer a dizer uma mentira e ser ladrão.

— Não passas de um tolo — disse-lhe a mulher. — Ninguém saberá que fizeste isso.

— Deus saberá, senhora — respondeu Fatal. — Ele vê tudo o que fazemos e castiga os mentirosos e os que roubam.

Ouvindo essas palavras, a mulher do fazendeiro atirou-se sobre ele, deu-lhe bofetadas e arrancou-lhe os cabelos. Fatal chorava. Ao ouvi-lo, o fazendeiro perguntou à mulher por que batia naquela criança.

— Ora essa — disse ela —, é um guloso! Vi-o esta manhã comer um pote de creme de leite que eu queria levar ao mercado.

— Que vergonha, como é feio ser guloso! — disse o camponês.

Chamou imediatamente um criado e mandou-o açoitar Fatal. Por mais que o pobre menino dissesse que não comera o creme, acreditavam mais em sua patroa do que nele. Depois disso, saiu para o campo com as ovelhas, e a mulher do fazendeiro lhe disse:

— Então, quereis agora me dar uma ovelha?

— Eu lamentaria muito fazê-lo — disse Fatal. — Podereis fazer contra mim tudo o que quiserdes, mas não me obrigareis a mentir.

A criatura malvada, para se vingar, incitou todos os outros empregados a fazer mal a Fatal. Ele ficava no campo dia e noite. Em vez de lhe dar comida, como aos outros criados, ela só lhe mandava pão e água; quando ele voltava, acusava-o de todo o mal que se fazia na casa. Passou um ano com aquele fazendeiro. Embora dormisse no chão e fosse tão mal alimentado, ficou tão forte que pensavam ter ele quinze anos, embora tivesse apenas treze. Além disso, tornara-se tão paciente que já não se afligia quando o repreendiam sem razão. Um dia, estando na fazenda, ouviu dizer que um rei vizinho travava uma grande guerra. Pediu licença ao patrão e foi a pé ao reino daquele príncipe para ser soldado. Alistou-se com um capitão que era um grande senhor, mas parecia um carregador de cadeirinha, tamanha era sua brutalidade. Praguejava, batia nos soldados e lhes roubava a metade do dinheiro que o rei dava para alimentá-los e vesti-los. Sob aquele capitão mau, Fatal foi ainda mais infeliz que na casa do fazendeiro. Alistara-se por dez anos e, embora visse desertar a maior parte dos companheiros, nunca quis seguir o exemplo deles, pois dizia:

— Recebi dinheiro para servir dez anos. Eu roubaria o rei se faltasse à minha palavra.

Embora o capitão fosse um homem mau e maltratasse Fatal como aos outros, não podia deixar de estimá-lo, porque via que ele cumpria sempre seu dever. Dava-lhe dinheiro para cumprir suas incumbências, e Fatal ficava com a chave de seu quarto quando ele ia ao campo ou jantava com os amigos. Esse capitão não gostava de ler, mas tinha uma grande biblioteca para fazer aqueles que o visitavam acreditarem que era um homem de espírito, pois naquele país se pensava que um oficial que não lesse história nunca passaria de um tolo e de um ignorante. Depois de cumprir seu dever de soldado, em vez de sair para beber e jogar com os companheiros, Fatal trancava-se no quarto do capitão e procurava aprender seu ofício lendo a vida dos grandes homens. Tornou-se

capaz de comandar um exército. Já era soldado havia sete anos quando foi à guerra. Seu capitão levou consigo seis soldados para inspecionar um pequeno bosque. Quando chegaram, os soldados diziam em voz baixa:

— Precisamos matar este homem mau, que nos dá bengaladas e rouba nosso pão.

Fatal lhes disse que não deviam cometer ação tão má. Mas, em vez de escutá-lo, disseram que o matariam junto com o capitão, e os cinco desembainharam as espadas. Fatal pôs-se ao lado do capitão e lutou com tanto valor que matou sozinho quatro daqueles soldados. Vendo que lhe devia a vida, o capitão pediu-lhe perdão por todo o mal que lhe fizera. Contou ao rei o que lhe acontecera; Fatal foi feito capitão e o rei lhe concedeu uma grande pensão. Ah, ora essa, os seus soldados não teriam desejado matar Fatal, pois ele os amava como filhos! Longe de roubar o que lhes pertencia, dava-lhes de seu próprio dinheiro quando cumpriam o dever. Cuidava deles quando estavam feridos e nunca os repreendia por mau humor. Entretanto, travou-se uma grande batalha. O comandante do exército foi morto e todos os oficiais e soldados fugiram. Fatal, porém, gritou bem alto que preferia morrer de armas na mão a fugir como um covarde. Seus soldados gritaram que não queriam abandoná-lo. O bom exemplo deles envergonhou os outros, que se reuniram em torno de Fatal e combateram tão bem que fizeram prisioneiro o filho do rei inimigo. O rei ficou muito contente quando soube que vencera a batalha e disse a Fatal que o nomeava general de todos os seus exércitos. Apresentou-o depois à rainha e à princesa, sua filha, que lhe deram as mãos para beijar. Quando Fatal viu a princesa, ficou imóvel. Ela era tão bela que ele se apaixonou a ponto de enlouquecer. Foi então que ficou muito infeliz, pois pensava que um homem como ele não fora feito para se casar com uma grande princesa. Resolveu, portanto, esconder cuidadosamente seu amor e, todos os dias, sofria os maiores tormentos. Mas foi muito pior quando soube

que Fortuné, tendo visto um retrato da princesa, chamada Gracieuse, se apaixonara e enviava embaixadores para pedi-la em casamento. Fatal pensou que morreria de desgosto. Mas a princesa Gracieuse, sabendo que Fortuné era um príncipe covarde e mau, tanto pediu ao rei, seu pai, que não a obrigasse a desposá-lo, que responderam ao embaixador que a princesa ainda não queria se casar. Fortuné, que nunca fora contrariado, ficou furioso quando lhe transmitiram a resposta da princesa. Seu pai, que nada lhe podia recusar, declarou guerra ao pai de Gracieuse. Este não se inquietou muito, pois dizia:

— Enquanto eu tiver Fatal à frente de meu exército, não receio ser derrotado.

Mandou, portanto, chamar seu general e lhe disse que se preparasse para a guerra. Mas Fatal, lançando-se a seus pés, disse-lhe que nascera no reino do pai de Fortuné e que não podia combater contra seu rei. O pai de Gracieuse ficou muito zangado e disse a Fatal que o mandaria matar se recusasse obedecer-lhe; em compensação, dar-lhe-ia a filha em casamento se alcançasse a vitória sobre Fortuné. O pobre Fatal, que amava Gracieuse loucamente, sentiu-se muito tentado; mas, por fim, resolveu cumprir seu dever. Sem dizer nada ao rei, deixou a corte e abandonou todas as suas riquezas.

Enquanto isso, Fortuné pôs-se à frente de seu exército para ir fazer guerra. Ao fim de quatro dias, porém, adoeceu de cansaço, pois era muito delicado e nunca quisera fazer exercício algum. O calor e o frio, tudo o adoecia. O embaixador, querendo cair nas boas graças de Fortuné, disse-lhe que vira na corte do pai de Gracieuse aquele menininho que ele expulsara de seu palácio e que se dizia que o pai de Gracieuse lhe prometera a filha. Com essa notícia, Fortuné encolerizou-se muito e, assim que se curou, partiu para destronar o pai de Gracieuse, prometendo uma grande soma de dinheiro a quem lhe trouxesse Fatal. Fortuné alcançou grandes vitórias, embora não combatesse pessoalmente, pois tinha medo de ser morto. Por fim, sitiou a capital de seu

inimigo e resolveu mandar assaltá-la. Na véspera desse dia, trouxeram-lhe Fatal preso por grossas correntes, pois muitas pessoas haviam saído à sua procura. Encantado por poder se vingar, Fortuné resolveu mandar cortar a cabeça de Fatal à vista dos inimigos, antes de dar o assalto. Naquele mesmo dia, ofereceu um grande banquete aos oficiais porque comemorava seu aniversário: tinha exatamente vinte e cinco anos. Os soldados que estavam na cidade, sabendo que Fatal estava preso e que lhe cortariam a cabeça dali a uma hora, resolveram perecer ou salvá-lo, pois se lembravam do bem que ele lhes fizera quando era seu general. Pediram então ao rei licença para sair e combater e, dessa vez, foram vitoriosos. O dom de Fortuné cessara e, quando tentava fugir, ele foi morto. Os soldados vitoriosos correram para tirar as correntes de Fatal. No mesmo instante, viram aparecer no ar dois carros brilhantes de luz. A fada estava num deles e o pai e a mãe de Fatal estavam no outro, adormecidos. Só acordaram no momento em que seus carros tocavam a terra e ficaram muito espantados por se verem no meio de um exército. A fada dirigiu-se então à rainha e, apresentando-lhe Fatal, disse:

— Senhora, reconhecei neste herói vosso filho mais velho. As desgraças que sofreu corrigiram os defeitos de seu caráter, que era violento e arrebatado. Fortuné, pelo contrário, que nascera com boas inclinações, foi inteiramente estragado pela bajulação. Deus não permitiu que vivesse mais tempo, porque a cada dia se tornaria mais mau. Acabou de ser morto; mas, para vos consolar de sua morte, sabei que estava a ponto de destronar o pai, porque se aborrecia de não ser rei.

O rei e a rainha ficaram muito espantados e abraçaram de bom coração Fatal, de quem tinham ouvido falar muito favoravelmente. A princesa Gracieuse e seu pai souberam com alegria a aventura de Fatal, que se casou com

Gracieuse. Com ela viveu por muito tempo em perfeita concórdia, porque se haviam unido pela virtude.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução por IA (Beaumont)
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-principes-fatal-e-fortune-beaumont